



AS VAGAS DA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS

Para a vaga de Valentim Magalhães concorreram às eleições de 21 de setembro de 1903 Domingos Olímpio, Xavier Marques, Euclides da Cunha e o diplomata Silvino do Amaral. Graça Aranha, de Andermatt, a mil e quatrocentos e quarenta metros de altura, enviava uma longa carta a Antônio Sales datada de 23 de julho daquele ano quando ao final fazia-lhe a pergunta: *“Que se faz aí em literatura? Ainda não queres a Academia?”*

Vale também registrar a atitude da revista O Norte lançando a candidatura do nome de Antônio Sales à cadeira de número 26, vaga a partir de junho de 1921 com o falecimento de João do Rio. Mas logo Carlyle Martins, sob a capa de Alberto Flávio, dizia pela Tribuna do Ceará que tal pretensão era inoportuna pela inimizade que o poeta nordestino devotava ao autor de *As Religiões no Rio*. Ao que Sales retrucava esclarecendo que uma *“antipatia instintiva e mútua”* realmente os distanciava certamente superada caso um acontecimento qualquer os tivesse aproximado um do outro.

Em 1931 encontravam-se vagas as cadeiras de números 37 e 38 da Academia Brasileira de Letras, com o falecimento de seus fundadores, o recifense Silva Ramos em dezembro de 1930 e o maranhense Graça Aranha¹ em janeiro de 1931, respectivamente.

Por essa época o vespertino carioca A Noite defendia a candidatura de Santos Dumont à sucessão do autor de *A Viagem Maravilhosa*, o que realmente se deu, não chegando, porém, o nosso grande inventor palmirense a tomar posse no Petit Trianon.

Leonardo Mota advogava a outra vaga para Antônio Sales, presidente da Academia Cearense de Letras em sua terceira fase num artigo publicado em O Povo de 3 de março de 1931: *“O poeta admirável das Trovas do Norte, o forte novelista das Aves de Arribação, o inexcedível cronista sempre feérico e encantador, ensaísta dum talento poliédrico que honraria a literatura de qualquer raça, não é homem, entretanto, para a violência de cumprir aquela chocante disposição regimental de ser o próprio a pleitear um pouso no cenáculo que as alcovitices mundanas e até as injunções da politicagem vão lamentavelmente enrodilhando”*.

Quatro dias depois, num domingo, saía a Carta Aberta ao Leota² pelo mesmo diário, resposta de Antônio Sales, em dezesseis quadrinhas, referindo-se à figura redonda e vasta do amigo sempre em andanças pelo Sul, crismando-o de O Larousse do Mato, agradecendo-lhe a generosa lembrança de seu nome a uma poltrona na Casa de Machado de Assis e espichando, matreiramente, a palavra folquelorista para que a métrica não ficasse sacrificada. Mas vamos à carta poética:

*“Ando cheio como um ovo,
ando a estourar de vaidade
por essa amabilidade
que me fizeste no Povo.*

*Tantas palavras bondosas!
Ó, como gentil tu és!
Foi mesmo um banho de rosas
da cabeça até os pés.*

*E depois que regressaste
do Sul, nem sequer eu pude
ver-te . . . Não sei se engordaste,
se ainda vendes saúde.*

*Na Praça, em meio da onda
dos transeuntes sortidos,
não ponho os olhos compridos
nessa figura redonda.*

*Eu queria te abraçar,
levar-te os meus parabéns
pelos triunfos sem par
que sempre alcançado tens.*

*Eu desejava louvar-te
com palavras imprevistas,
e, alto e bom som, proclamar-te
— O Rei dos Folqueloristas —*

*Tu dás a mais alta nota,
metes os mais num sapato!
Tu, ó glorioso Leota,
és o Larousse do Mato.*

*Mas que destino traiçoeiro
anda a separar nós dois?
Tu a saudar-me primeiro,
é o carro adiante dos bois!*

*Eu não canso de admirar-me
quanto és generoso e bom:
Ah, com que então queres dar-me
teu lugar no Trianon?*

*Tu, sim, mereces entrar
para a Ilustre Companhia;
deve ficar-te a matar
o fardão da Academia.*

*E se no tempo que passa
procura-se um expoente,³
elejam incontinenti
a ti-Expoente da Graça.*

*Não tenho o desejo ignoto
de entrar para a Academia;
mas estar lá eu queria
só para dar-te o meu voto.*

*E expressando esse desejo,
tenho outro desejo incrível:
é abraçar-te . . . Mas vejo
que é duplamente impossível.*

*Nem te vejo entre os passantes
quando em vão o tempo gasto,
nem tenho braços bastantes
para um amigo . . . tão vasto.*

*Adeus, Bandeirante que andas
desencavando tesouros!
As Musas te sejam brandas,
cubra-te Apolo de louros!"*

Parece que ninguém tomou conhecimento do brado de alerta de Leota. E nem o próprio Antônio Sales disso se preocupava. Pois aos sessenta e três anos de idade ele não tentaria partir para novas aventuras . . .

Antônio Sales conhecia como ninguém as grandezas e as misérias da Academia Brasileira de Letras. Vira-a nascer. Seguira-lhe os passos ainda vaci-

lantes mas sempre de longe. Recusou-se dela fazer parte. Conhecia histórias como a da eleição do catarinense Lauro Müller: no dia 10 de fevereiro de 1912 falecia o fundador e primeiro ocupante da Cadeira 34, o nosso Barão do Rio Branco. E a essa vaga candidataram-se, entre outros, o Ministro das Relações Exteriores que, eleito, tomou posse. Político militante, sem a bagagem literária indispensável para subir as escadas da Imortalidade, sua vitória incomodou muita gente inclusive José Veríssimo que combatendo tenazmente a enguia nacional, abandonou de vez o Petit Trianon em vigoroso protesto.

Antônio Sales, ao saber da vitória da raposa de espada à cinta, na definição da outra raposa Pinheiro Machado, à vaga acadêmica de Rio Branco, embora contrariando os Estatutos que exigiam tivesse o candidato livros publicados, lançou o seu protesto silencioso em forma de soneto:

— O Novo Imortal⁴ —

*“Mais um Ministro entrou na Academia,⁵
mas não entrou sem viva resistência:
quinze votos da Ilustre Companhia
que logrou merecer Sua Excelência.*

*Quem com o ilustre Ministro competia?
Um simples escritor, de competência⁶
provada em obras da maior valia,
monumentos da língua e da ciência.*

*Mas o outro tem escrito relatórios,
tem feito alguns discursos meritórios,
e para muita gente, é quanto basta.*

*Demais a Academia é coisa pública,
e nesta sapientíssima República
que vale um livro em face de uma pasta?”*

Mas voltemos ao assunto da apresentação do nome de Antônio Sales às vagas que iam aparecendo. Em maio de 1933 partia ele novamente para o Rio. Em dezembro a Academia Brasileira de Letras celebrava, no dia 28, o décimo quinto aniversário de falecimento de Bilac. Olegário Mariano leu um soneto de Antônio Sales, presente às solenidades, escrito por ele quando do desaparecimento do poeta maior, em 1918.⁷ Ao final, Alberto de Oliveira não escondeu sua emoção e disse em voz alta que o soneto lido era digno do autor e do homenageado. Muito aplaudido pelos acadêmicos e pelos convidados, Antônio Sales passou de braço a braço, entre exclamações de carinho, como um filho pródigo que voltasse ao lar que ajudara a fundar. E enterne-

ceu-se ao ouvir as palavras **encorajadoras** e os conselhos de Alberto, de João Ribeiro, de Olegário, de Ademar Tavares, de Afrânio Peixoto e de Augusto de Lima para que se apresentasse como candidato à uma das vagas da Academia, embora de há muito merecesse uma poltrona e um fardão.

Antônio Sales desembarcava em solo fortalezense a 21 de maio de 1934. Acabavam de falecer, no Rio, por coincidência todos no mês de abril desse ano o sergipano João Ribeiro a 13, o mineiro Augusto de Lima a 22 e o gaúcho Gregório da Fonseca um dia após, ficando sem ocupantes a 31a., a 12a. e a 27a. cadeiras, respectivamente, da Academia Brasileira de Letras.

E o nome de Antônio Sales seria lembrado para ocupar uma daquelas vagas. Leonardo Mota opinava no sentido de que o nosso poeta concorresse à poltrona deixada por João Ribeiro, já que ambos haviam sido muito amigos. Recebia o filho de Paracuru o apoio verbal e escrito de seus inúmeros admiradores. Apelos vinham chegando do Rio, de São Paulo, de Recife, de Juiz de Fora. Os jornais de Fortaleza, as duas Academias de Letras, o Salão Juvenal Galeno, tentavam convencer o nosso poeta a se candidatar ao palacete da Praia de Santa Luzia. No domingo de 27 de maio, durante a sessão do Centro Estudantal Cearense, presidida por Francisco Arruda, o consócio Fran Martins apresentava à Mesa uma proposta do centrista Murilo Mota pela qual a referida associação não só apoiaria como patrocinaria o lançamento do nome de Antônio Sales à Academia Brasileira de Letras. Aceita a sugestão por unanimidade de votos, essa mesma Comissão comparecia à casa do nosso escritor e numa homenagem cativante levava-lhe o carinho de toda a mocidade.

Um dia após, a Associação Cearense de Imprensa, reunida às vinte horas no Clube Iracema, presidida por Perboyre e Silva e secretariada por Madaleno Girão, ainda com as presenças de Clóvis Matos, Tancredo de Moraes, Cândido Meireles, Mariano Martins, Aurélio Mota, Fran Martins e Murilo Mota, resolveu unir-se também a esse movimento.

A tudo e a todos Antônio Sales resistiu e no artigo *Ad Immortalitatem* de 5 de junho de 1934, justificava os motivos de sua escusa renitente, considerando temerária e até certo ponto arriscadíssima, agora que se encontrava entre os seus, uma tentativa sua de disputar a uma daquelas vagas, longe do apoio dos acadêmicos seus amigos, àquela altura dos acontecimentos já comprometidos com outros candidatos . . .

Confessava-se pouco ambicioso, agora mais do que nunca, com seus sessenta e seis anos de idade. E desta maneira concluía sua belíssima crônica de agradecimento: *"No pé em que estão as coisas, tenho que me dirigir não por meus gostos, mas seguir o rumo que me traçam as mãos carinhosas dos meus confrades, mãos de amigos que eu aperto comovido, consolado pela certeza de que meu esforço literário não foi em vão, nem minha vida uma vaga e prolongada inutilidade. Desde já me considero Acadêmico pelo voto da intelectualidade cearense"*.

Era tal o movimento aqui iniciado pelo O Povo no intuito de apresentar Antônio Sales como um dos candidatos à magna Academia que Martins de Aguiar, vice-presidente de nossa Academia, endereçava à imprensa a seguinte mensagem como que oficializando o desejo unânime da cultura local: *“A Academia Cearense de Letras, por meio do mais desautorizado dos seus membros, abaixo assinado, vem significar de público, na imprensa do Estado, o seu agradecimento ao gesto nobilitante dos jornalistas, estudantes e demais intelectuais cearenses que tiveram a luminosa idéia de levantar a candidatura do grande escritor Antônio Sales a uma das vagas atualmente verificadas na Academia Brasileira de Letras.*

É tal o conceito em que tem a Academia Cearense de Letras, o ilustre homem de letras, escumilhador e estilizador das Poesias, de Minha Terra e das Aves de Arribação que particularmente assentou elevá-lo, nas próximas eleições, de presidente efetivo, que o é desde a última reorganização, a presidente de honra, e, se não tomou a frente da campanha que tão promissora se inicia foi porque, conhecendo-o na intimidade, sabe que ele sempre recusou apresentar-se à ilustre Companhia, resistindo até à gentileza sem par e à amizade inconfundível de Machado de Assis.

Em boa hora, porém, foi quebrada tão injustificável resistência, e a Academia Cearense está preparada para, no momento oportuno, entrar em entendimento com a Academia Brasileira de Letras, a fim de que se cristalize em realidade o anseio da intelectualidade do Ceará”.

Ainda Martins d'Alvarez, não satisfeito, mandava um Recado Lírico ao nosso Antônio Sales e que vale ser aqui lembrado:

*“Meu querido Antônio Sales.
Eu, que bem o conheço,
que conheço a sua alma tão sensível
à mais sutil demonstração de apreço,
calculo como agora
não sofre essa modéstia que o consome,
vendo toda a cidade festejando
a bandeira harmoniosa de seu nome.*

*É um combate luzido,
uma luta brilhante e original,
na qual, de um lado, você quer, somente,
ter os direitos de qualquer mortal.
Mas, do outro lado, — veja que perigo —
as elites mentais e a mocidade
querem, por força, que você transija
com as leis eternas da Imortalidade.*

*Eu, embora o desgoste,
— negá-lo, para quê? —
na luta não estou nem estarei
absolutamente, com você.
Estou, sim, do outro lado,
junto aos adversários figadais
que o desejam lançar neste outro mundo
onde se chega e não se morre mais. . .*

*Se poeta tem algo de vidente,
predigo desde já:
nós o dominaremos, fatalmente,
para a alegria e glória do Ceará.
Renda-se, pois, ao vaticínio amigo,
acabemos com a dúvida de vez.
E queira muito bem ao seu irmão,
que por tudo o admira,
Martins d'Alvarez".*

Mais uma vez Antônio Sales era preterido. Outros nomes mais ilustres, os lembrados e escolhidos. Assim se ia escoando o ano de 1934. . .

E nas proximidades das festas natalinas lançava o nosso poeta pelo Ao Trianon! a candidatura de Leonardo Mota⁸ à Academia Brasileira de Letras. Ele mesmo explicaria: "*Leota de vez em quando me empurra para o lado da Avenida das Nações e agora é chegada minha vez de empurrá-lo também. Quem com ferro fere. . . Não é isso! Quero dizer: amor com amor se paga. . .*"

Embora lembrado em 1931 e em 1934, o autor de Aves de Arribação não conseguiria um lugar no Petit Trianon.⁹

A Academia Brasileira de Letras era uma dama que desejava ser cortejada e requestada. E não seria justamente Antônio Sales quem haveria de desempenhar o papel de apaixonado Romeu. . .

NÓTULAS

¹ "Dentro em pouco eu fiz de Copacabana meu passeio predileto. E o conhecimento feito na Revista consolidou-se numa amizade profunda, fraternal. Sua encantadora e inteligente esposa, suas irmãs com seus maridos — Tasso Fragoso, Vital Brandão, Parga Nina — e as duas solteiras ainda, Cotinha e Leonor, sua santa mãe, a quem eu chamava de Tia Glória, constituíam nossa sociedade doméstica e formavam, por assim dizer, minha família no Rio". Graça Aranha em Retratos e Lembranças, Antônio Sales.

² Publicada em O Povo de 7 de março de 1931.

- 3 Defendia a Teoria dos Expoentes o baiano Afrânio Peixoto. Não apenas literatos como homens de projeção em qualquer setor cultural deveriam pertencer ao Petit Trianon. Tanto que o médico acadêmico foi um dos que mais batalhou a favor da investidura do cientista Osvaldo Cruz a uma das poltronas de nossa Academia derrotando o autor de *Deuses em Ceroulas*.
- 4 Soneto encontrado na seção Fora do Sério, de *A Época*, sob o pseudônimo de Ridente.
- 5 Lauro Müller, Ministro das Relações Exteriores no Governo Hermes.
- 6 Ramiz Galvão, o simples escritor. Médico e conhecedor profundo do latim e do grego. Ao final do pleito, realizado a 14 de setembro de 1912, o resultado: 15 votos para Ramiz, 22 para Lauro.
- 7 Olavo Bilac, soneto. *Obra Poética*, página 366.
- 8 Leonardo Mota respondendo a uma enquete literária promovida pelo jornal *A Rua* sobre Os Dez Melhores Livros Cearenses, isso em julho de 1933, destacava:
 - 1 – O Ceará, Homens e Fatos (João Brígido)
 - 2 – Lendas e Canções (Juvenal Galeno)
 - 3 – O Ceará no começo do Século 20 (Tomás Pompeu)
 - 4 – Crítica e Literatura (Rocha Lima)
 - 5 – Os Pescadores da Taíba (Álvaro Martins)
 - 6 – Aves de Arribação (Antônio Sales)
 - 7 – Terra Mártir (Júlio Maciel)
 - 8 – Terra do Sol (Gustavo Barroso)
 - 9 – Dicionário Biobibliográfico (Barão de Studart)
 - 10 – Cantadores (Leonardo Mota)
- 9 Para a vaga de João Ribeiro seria eleito o paulista Paulo Setúbal e para a de Augusto de Lima o carioca Vítor Viana, ambos falecidos em 1937. Aliás, a bruxa andava à solta em 1934 pois ainda nesse mesmo ano faleceriam Miguel Couto e Medeiros e Albuquerque em junho, Coelho Neto em novembro e a 5 de dezembro o maranhense Humberto de Campos.